

EDITORIAL

A sucessão de eventos políticos que marcou a sociedade brasileira na última década parecia trazer consigo a promessa de um novo "milagre": o do crescimento econômico com distribuição de renda, com uma base social equilibrada e relativamente satisfeita em suas necessidades mínimas. Entretanto, como peregrinos perdidos no deserto, os movimentos sociais, cada vez mais numerosos e organizados, viram essa miragem afastar-se a cada passo dado.

Mais do que isso, neste início de 1993, deparamo-nos com os trágicos (ainda que não surpreendentes) números do último anuário do IBGE e com a acelerada obsolescência técnica da indústria brasileira, submetida à gradual perda de um espaço duramente conquistado no mercado mundial e sendo ameaçada por uma inexorável (mas necessária) abertura do mercado interno.

Apesar do decisivo papel que cabe aos determinantes internos nesse processo, o fato é que os mesmos vêm agindo em um momento de reestruturação da economia mundial, quando a América Latina ainda não encontrou a sua forma de inserção. Esse movimento, que partiu do Japão, levou de arrasto as principais economias industrializadas e fez emergir novos países-líderes, onde se destacam os chamados "tigres asiáticos". De uma maneira geral, a transformação ocorrida apoiou-se na modernização dos processos de organização da produção e de gestão da mão-de-obra, bem como na introdução de novas tecnologias. Estas últimas, por sua vez, estiveram centradas na expansão do complexo eletrônico e complementadas pelo desenvolvimento e aplicação industrial das biotecnologias e das novas tecnologias em materiais.

Esse conjunto de elementos estabeleceu novos parâmetros de liderança do mercado mundial. Hoje, a flexibilidade da produção, a rapidez no lançamento de novos produtos, a qualificação da mão-de-obra, os investimentos em P&D e uma estratégia coerente de especialização das economias nacionais tornaram-se os principais elementos da concorrência mundial. Os países, que diante de um processo dessa ordem, permanecem passivos vêem seus investimentos externos minguarem e seus produtos perderem lugar no mercado internacional.

Embora uma fase de transição desse tipo abra oportunidades que permitem, dentro do contexto nacional e, sobretudo, do regional, o desenvolvimento de opções criativas, capazes de induzir a um crescimento econômico sustentado, essa "nova ordem mundial" apresenta-se como sendo fundamentalmente seletiva — seja internacionalmente, seja no seio dos países-líderes.

É assim que a sociedade brasileira fica duplamente desamparada: às pressões externas combinam-se os desequilíbrios econômicos e sociais já existentes e a incapacidade das elites de oferecerem novas alternativas. Aqueles que respondem pelas decisões de investir e orientar os recursos econômicos parecem acreditar que o acesso ao Primeiro Mundo passa, necessariamente, pela manutenção das políticas que, nos períodos anteriores, garantiram "vantagens" comparativas aos produtos brasileiros, opondo-se, ao mesmo tempo, à manutenção do chamado "Estado desenvolvimentista", bem como ao papel do Estado na intermediação dos conflitos sociais.

Nesse quadro, e independentemente do fato de que possa assumir formas muito variadas, começa a surgir um consenso em torno da necessidade de um projeto para

o Brasil. Foi essa, precisamente, a motivação maior da **Jornada de Estudos sobre Reestruturação e Crise: os desafios da indústria brasileira**, promovida por esta Fundação em outubro de 1992. Dessa forma, a revista **Indicadores Econômicos FEE** edita, na seção **Tema em Debate**, o conteúdo dessa jornada de estudos, que contou com inúmeros especialistas, aos quais pautamos nossos agradecimentos pela liberação de suas palestras.

Na seção **Conjuntura Econômica**, tem-se uma coletânea de artigos analisando o comportamento das políticas monetária e fiscal, da indústria, da agricultura e do setor externo. Ainda nessa seção, encontram-se importantes análises sobre: política salarial no setor público; as tentativas de estabilização; a globalização e a regionalização da economia mundial.

A Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, dando seqüência a sua tradição, espera estar contribuindo para o aprofundamento do debate sobre a questão dos desafios impostos pela necessidade de reestruturação da indústria brasileira.

Aos colaboradores deste número os nossos agradecimentos, em especial ao Núcleo de Estudos Industriais (NEI); que organizou e coordenou a **Jornada de Estudos**, oportunizando este número especial da revista **Indicadores Econômicos FEE**.

O Editor